Master Negative Storage Number

OCI00048.06

M.J.,J.J. de

Novo testamento do gallo

Lisboa

[188-?]

Reel: 48 Title: 6

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00048.06

Control Number: ABJ-0141
OCLC Number : 07559992
Call Number : W 381.5698 P8382 no. 6
Author : M. J., J. J. de.
Title : Novo testamento do gallo / por J.J. de M.J.
Imprint : Lisboa : Livraria popular de Francisco Franco, [188-?]
Format : 8 p. ; 18 cm.
Note : Cover title.
Note : In verse.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/29/94
Camera Operator: [illegible]

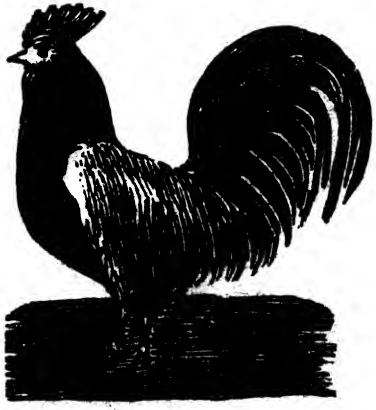
BIBLIOTHECA POPULAR

N.º 6

NOVO TESTAMENTO DO GALLO

POR

J. J. DE M. J.



LIVRARIA POPULAR
DE
FRANCISCO FRANCO
60, Travessa de S. Domingos, 60
LISBOA

W
381.5698
88382
6

NOVO TESTAMENTO DO GALLO

Não ha ahi quem me acuda?
Quem soccorra um desgraçado!
Pois que foi, ai n'esta noite,
Meu triste fim decretado!

Acudam e venham todos
Vêr o fim que o gallo tem,
Venham ser do testamento
As testemunhas tambem.

Eu ainda hontem cantava
Do alto do meu poleiro,
Inda hontem as gallinhas
Derriçava galhofeiro!

Mas já que a parca fatal
Me dá cabo do pescoço,
Vou dizer n'este aranzel
Quanto sei e quanto posso.

Fui amigo das gallinhas,
Que a todas servi mui bem,
Tanto assim que nenhuma
Do serviço queixa tem!

AUG 15 1977
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

Amigas e companheiras
Dou-vos um conselho leal,
Fugi sempre do Entrudo,
Da Paschoa e do Natal.

Na Quaresma, n'essa sim,
É que vos podeis fiar...
N'ella sim com affoiteza
Podeis sem medo esgravatar.

Ai! se em casa houver doençá,
Ou um patusco ao almoço,
É dizer adeus á vida
Porque vos vão ao pescoço,

Pois o dia de baptisado
É um flagello para nós,
São papados pelos padrinhos,
Pais, tias e avós!

Não tenhaes pena de mim,
Nem pena da signa minha,
Nunca falta homem á mulher
Nem um gallo p'ra gallinha.

Depois de todo este aranzel,
Que foi obra d'um momento,
Passo a fazer em fórma
O meu ultimo testamento.

Deixo a minha voz sonora
A quem d'ella precisar,
P'ra um dia no poleiro
Se fazer acreditar!

AUG 21 1971

Deixo a crista avermelhada,
Repenicada, tão bella,
P'ra enfeite de cabeça
De qualquer moça donzella.

Deixo as pennas do meu rabo
P'ra uns chapeus exquisitos,
Que usam certas meninas,
Que os acham muito bonitos.

Deixo as unhas dos meus pés
A's frescas viuvinhas,
P'ra se coçarem devéras
Ao ouvir certas coisinhas.

Deixo as pernas amarellas
Taes e quaes como ellas são,
A qualquer mulher vaidosa,
P'ra que poupe algodão.

Deixo o bico por ser bico
A quem não tiver dinheiro,
Mas que fama goze e tenha
De ser grande piteireiro.

Deixo o figado, a moella
A quem gostar de forçura,
Ou a qualquer cozinheira
Que a deseje com fartura.

E o papo com seu miôllo
(Sem haver n'isto batota)
Deixo p'ra servir d'almoço
A qualquer bom agiota.

Deixo o miôllo das tripas,
E o mais que poder ser
A' mulher mais toleirona,
Que quizer isto ouvir lêr.

As barbas sempre pendentes
Por debaixo do meu queixo,
A um janota encardido
Com mil vontades eu deixo.

Deixo os meüs esporões
E tudo o mais que quizer,
Ao marido que a pavana
Saiba tocar na mulher.

Determino que o meu corpo
Depois de eu já estar defunto
Seja posto na panella
Com chouriço ou com presunto.

Eu quero ser enterrado,
(Vejam lá não sou mesquinho)
N'um taxo de bom arroz
Rodeado de bom vinho.

A memoria que possuo,
(Perdoem, foi distracção)
Deixo a qualquer estudante
Atrazado na licção!

Peço p'ra ser enterrado
Em boas e sans barrigas,
E áquelles que não quizerem
Sé lhes faço quatro figas.

Peço mais que a minha morte
Seja breve e repentina,
Pois talvez que alguns convivas
Estejam com fome canina.

E se houver alguma alma
Terna, bôa, triste e meiga,
Peço que depois de cozido
M'untem com boa manteiga.

Seja meu caixão um prato,
Não pequeno, alambazado,
Onde eu possa caber todo
Sem estar muito apertado.

Que me sejam por tocheiros
Postas dezoito garrafas,
Para que os meus convidados
Apanhem bôas muafas!

Seja-me a eça uma mesa,
(Cuidado não haja falha)
De pinho ou d'outra madeira,
Mas que não falte a toalha!

Que os meus ossos sejam dados
A cão ou a outro bixo,
Ou então depositados
No porco barril do lixo.

Que por minha morte se tomem
Quatro boas bebedeiras,
E se façam em minha memoria
Um par de bôas asneiras.

Depois de eu estar enterrado
P'ra baixo dos gorgomilhos,
Se dê uma salva pomposa
De vinte e um meios quartilhos.

E tudo isto cumprido
Com verdade e boa fé,
Remate meu funeral
Genebra e depois café!

E d'esta fórma dou por findo
Este meu fiel testamento,
Que acho como eu dictei,
E escripto a meu contento.

Foi feito cá n'este mundo
No anno e mez de tal,
Que a data n'estas coisas
P'ra pouco ou de nada val.

Gallo da crista encarnada
E' o meu nome tambem,
Eu d'um ovo fui nascido
Não conheci pae nem mãe!

Fim